



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em almoço oferecido aos formandos do Instituto Rio Branco

Palácio Itamaraty, 18 de setembro de 2003

É com grande alegria que venho à Casa de Rio Branco. Desta vez, não para receber mandatários estrangeiros, mas para dirigir-me a uma categoria de servidores públicos que se sobressai por seu profissionalismo e por sua dedicação ao Brasil.

Sinto-me feliz em poder estar entre estes jovens que hoje se formam. Quero transmitir-lhes minhas felicitações e, sobretudo, uma mensagem de estímulo.

Vocês ingressam na carreira diplomática em um momento de mudanças, em que o Brasil se afirma com crescente desenvoltura e confiança perante o mundo. Vivemos em uma sociedade que encara seus problemas com coragem e valoriza a democracia e a liberdade de expressão. Ao jovem diplomata não faltam razões para se sentir motivado e acreditar em um futuro melhor para o Brasil e para a região sul-americana.

Ao mesmo tempo, é preciso que lutemos por um sistema internacional mais justo. É preciso que cobremos mais sensibilidade para a situação dos carentes, processos decisórios mais democráticos, regimes comerciais mais eqüitativos, maior respeito pelo Direito Internacional. Ao fazê-lo, estaremos defendendo nossos próprios interesses e um mundo mais propício à paz e ao desenvolvimento.

Desde meus primeiros dias de governo preoquepei-me em sinalizar nossa abertura ao diálogo com interlocutores de todos os quadrantes. Foi essa a minha intenção ao levar ao Fórum Econômico de Davos as preocupações do Fórum Social de Porto Alegre. Será esse o espírito que permanecerá, que permeará o discurso com que abrirei o debate geral da Assembléia Geral das



Nações Unidas. É esta a marca do meu governo e a vocação do Brasil.

Cabe ao Itamaraty, na execução da política externa brasileira, representar e defender os interesses de um país que busca os mesmos objetivos, nos planos nacional e internacional.

O fortalecimento das formas democráticas de concertação política, o crescimento econômico com justiça social e a melhoria das condições de vida dos menos favorecidos. Internamente, é este o caminho para o desenvolvimento sustentável. Nas relações internacionais é esta a via que conduz à paz duradoura.

Caberá a vocês, sob a orientação do ministro das Relações Exteriores, trabalhar pela integração da América do Sul e estreitar laços de cooperação com a África e com o Oriente Médio, com interlocutores do mundo desenvolvido e em desenvolvimento que compartilham nossos valores e objetivos.

A postura firme e objetiva que mantivemos na recém-finda reunião da OMC, em Cancun, demonstra que o Brasil dispõe de uma capacidade de articulação talvez única, que nos permite lutar por nossos interesses, somando forças com clareza e objetivos e sem confrontações.

Alegra-me constatar que o Ministério das Relações Exteriores e os diplomatas brasileiros interagem, cada vez mais, com outras instâncias governamentais e com a sociedade civil.

Vejo, com satisfação, que o ministro Celso Amorim e outros diplomatas comparecem sistematicamente ao Congresso, para contatos regulares sobre questões que despertem especial interesse, como a integração da América do Sul, a ALCA, o Iraque.

Multiplicam-se os fóruns de debate sobre a diplomacia e a política externa. Hoje, os brasileiros e brasileiras se dão conta de que a maioria dos temas da agenda internacional repercutem diretamente sobre suas vidas. Vemos, ao mesmo tempo, que há um grande interesse, em outros países, pelo



momento de transformações pelo qual passamos. Isso só aumenta a responsabilidade dos diplomatas e do Itamaraty, como intermediários privilegiados entre o Brasil e o resto do mundo.

Parabenizo, enfim, os jovens formandos, pela escolha de Sérgio Vieira de Mello como seu patrono. Ainda sob o impacto do ato brutal que lhe retirou a vida, é difícil não nos emocionarmos com a lembrança de um nome que soube aliar, de forma tão brilhante, a força da razão e o engajamento a favor dos mais vulneráveis. Impossível não nos sensibilizarmos ante a obra de tão destacado funcionário da ONU, que associou o nome do Brasil à luta pela paz e às mais nobres formas de cooperação entre as nações. Que a memória de Sérgio Vieira de Mello preserve na turma que se forma hoje os ideais que inspiraram o seu trabalho político e humanitário, sua compaixão, sua tenacidade e sua alma, a um só tempo universal e profundamente brasileira.

Eu quero terminar dizendo, se posso assim chamar, às meninas e aos meninos que se formaram, que o mundo que espera vocês é um mundo, eu diria, de mais paz, mas, ao mesmo tempo, mais conturbado do ponto de vista da exigência com que vocês serão cobrados daqui para a frente.

O Brasil é um país por demais importante e muitas vezes não fomos mais importantes porque, muitas vezes, não nos demos importância. O governo tem a decisão política de fazer com que o país utilize todo o seu potencial de ousadia, todo o seu potencial de política externa, para inserir o Brasil no mundo como um país grande, um país que gosta de respeitar e, ao mesmo tempo, um país que quer ser respeitado. Não aceitamos mais participar de política internacional como se fôssemos os coitadinhos da América Latina, um paisinho do terceiro mundo, um paisinho que tem criança de rua, um paisinho que só sabe jogar futebol e pular carnaval. Este país tem criança de rua, tem carnaval, tem futebol, mas este país tem muito mais do que isto. Este país tem grandeza, tem intelectuais, tem cientistas, tem trabalhadores, tem governantes, tem políticos, tem diplomatas, tem tudo para se igualar a qualquer



país do mundo. E disto nós não abrimos mão.

Eu tenho dito em todos os lugares: não existe na face da Terra nenhum interlocutor que respeite um outro interlocutor se um deles estiver de cabeça baixa, se um deles agir de forma subalterna. Nós respeitamos todo mundo, desde um país pequeno, como o Paraguai, a um país grande, como os Estados Unidos. Queremos tratar os dois em igualdade de condições e queremos ser tratados pelos dois em igualdade de condições. Por isso, eu disse que vocês vão ser muito mais exigidos porque, daqui para a frente, vocês vão perceber que 24 horas por dia é muito pouco para um diplomata que se formou no Rio Branco. É muito pouco para quem quer, dignamente, representar os interesses do Brasil.

E, hoje, mais do que nunca – sem demérito a nenhuma pessoa –, hoje, mais do que nunca, o Brasil cresceu no conceito mundial. O Brasil tem uma respeitabilidade muito maior. E eu acho que, a partir do que aconteceu em Cancún, vocês vão perceber que serão olhados com muito mais interesse mas, ao mesmo tempo, com muito mais cobrança pelos nossos interlocutores de outros países, do que nós fomos até agora.

Nós mandamos para Cancún uma seleção, liderada pelo companheiro Celso Amorim, que tinha o Roberto Rodrigues, o Furlan, o Ministro do Desenvolvimento Agrário, a Ministra do Meio Ambiente – representada pelo companheiro do Ministério, e 12 deputados, porque nós não fazemos política para nós, individualmente. Fazemos política para este país. Portanto, as pessoas têm que participar, para assumirem o compromisso.

Eu quero que vocês, meninos e meninas que se formaram hoje, quando tiverem alguma dúvida na carreira diplomática de vocês, lembrem-se do homem que era Ministro das Relações Exteriores quando vocês se formaram.

Eu quero fazer um brinde aos formandos mas, sobretudo, quero fazer um brinde à competência que o Celso Amorim tem demonstrado à frente do Ministério.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

/mcpro/vpm